

CANTINHO DOS RAPAZES

Queridos Rapazes:

Muito obrigado pela vossa cartinha. Foi um momento alto e feliz na minha vida. Sinto que não mereço o vosso carinho... Mas vou pedir a Deus que me torne mais digno dele.

Digo queridos com toda a alma e força pois a seguir ao Senhor estais vós. A minha vida

toda só tem este sentido: O Senhor e vós.

O estar longe, neste momento, deve-se, somente, ao desejo de estar alguns meses com Deus no meu retiro.

Ainda hoje senti tantas saudades vossas quando, ao abrir a porta do abrigo a um casal com dois filhos, para se abrigarem da chuva, o de 11

anos exclamou: «Olha o Padre Américo!» — ao ver o quadro com a sua fotografia.

A vossa carta tão repassada de ternura é um sinal, entre tantos, de que o nosso Padrão — a Família — está certo e é alicerce e esteio. «O Padrão da Obra é a Família; vida familiar. Eis a Escola natural da sólida formação do homem» — diz o nosso Pai Américo.

Pai — Filhos, como expressais na vossa carta. Tendes razão. Somos a Família. No dia em que o deixarmos de ser, passaremos a um aglomerado de casernas de rapazes. Vós não quereis. Os vossos padres também não.

Uma família só se realiza, plenamente, quando feliz e unida pelo amor. Só o Amor vence!

Dentro do Amor:

«A Liberdade espontânea e consciente.

O sentido de responsabilidade.

O amor ao trabalho.

«A nossa vida de família.

O amor aos Outros, sobretudo aos mais pobres.

Finalmente, e o mais importante, a vida espiritual. Não é aqui a nossa Pátria. Vivemos na linha da Vida Eterna.

doação. Daí que gente muito nova, com falta de experiência e de equilíbrio emocional ainda por adquirir, não esteja ainda preparada para tal missão, embora possuidora de requisitos que, com os tempos, favoreçam tal vocação.

É evidente que no cerne ou raiz duma entrega deve haver total disponibilidade interior e não meras razões de conveniência, fortuitas ou em ordem a resolver problemas meramente pessoais. Amar deve fazer-se sem reticências, tendo como fonte e fim o único e verdadeiro Amor que é Deus e por Ele e com Ele os nossos Irmãos.

A vida das senhoras nas nossas Casas não é fácil, certamente. Tem de ser, como a de muitas mães, sacrificada, apagada e, não raro, dolorosa. As coisas grandes exigem, de resto, muitos suores e lágrimas, imperceptíveis do exterior. Não restam dúvidas, porém, que a missão que lhes está confiada tem o valor incomensurável duma verdadeira e autêntica mãe, norma que só por si dispensa comentários.

Não pretendemos, como é evidente, legiões de pessoas capazes de servir os Rapazes ou Doentes; mas desejamos algumas, dispostas a perder a vida para a ganharem ao serviço dos que nos são confiados, com o tal «dedo» a que se refere Pai Américo, de onde brotam as coisas maiores, mais construtivas e familiares dentro das nossas Casas. Promessas não as fazemos, que só Um as faz e garante.

Padre Luiz



Só o Amor vence!

AQUI, LISBOA!

«O que há de maior e mais construtivo e mais familiar dentro das nossas Casas, sai do dedo da mulher.» (Pai Américo)

«Precisamos de senhoras em todas as nossas Casas. Já o temos dito e redito. Se sem sacerdotes não se pode imaginar uma Instituição como a nossa, o mesmo se diga em relação aos elementos femininos, que as famílias, sejam elas quais forem, não se entendem sem eles.

Os Rapazes, desde os pequeninos até aos maiores, pedem para o seu crescimento afectivo a presença de mulheres competidas para substituírem as mães que não tiveram, que perderam ou não foram capazes de assumir as suas responsabilidades. Por outro lado, na direcção dos mais variados serviços domésticos, desde os alimentares ao tratamento de roupas, limpezas e coisas afins, a presença das mulheres é insubstituível. Quem como uma mãe, mesmo que o seja só na linha espiritual, para olhar pelos doentes ou susceptível de, pelos seus dotes femininos, ser capaz de bem compreender os outros, de os consolar na tristeza e de lhes dar um conselho?

Se as Casas do Gaiato pretendem ser Casas de família para os sem família, é inquestionável que sem senhoras não se poderão conseguir os objectivos procurados. Claro que nem toda a gente é capaz de tal missão. Importa ter um certo bom senso e uma maturação de espírito, com arreado sentido dos outros e de

Desejo-vos todo o bem. E que este «Cantinho» seja para vós uma mensagem de Esperança — em Deus, nos homens e na vida.

«Aproveitai bem a juventude e nela todas oportunidades que a Obra da Rua dá para a formação do vosso carácter e uma séria formação profissio-

nal. Sabei manter o equilíbrio no meio de tantas facetas ilusórias, palavras vãs e maus costumes que no mundo vos rodeiam. Tende confiança nos vossos Padres. Eles só lutam e querem o vosso bem.

Vosso, que de todo o coração vos ama,

Padre Telmo

CADA FREGUESIA CUIDE DOS SEUS POBRES

Este pensamento não tem fronteiras. É universal como o segundo Mandamento que chama todos e cada um dos homens ao dever de amar o seu Próximo.

Diz a voz do Povo que «a Caridade bem entendida começa por nós mesmos». Voz do Povo... Voz de Deus! Com efeito, da redacção divina consta como padrão para o amor do Próximo, o amor lúcido e equilibrado que cada homem deve a si próprio. É o limiar da Proximidade. E esta

vai-se abrindo na família, na vizinhança, na comunidade do trabalho... É a recta ordenação: do eu para os outros. Só assim este amor pode ser vivo; não mera convenção social.

Para que assim fosse, para que a vida deste amor se expressasse «em obras e em verdade», veio Jesus exemplificar: «Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei». E deu a Sua Vida; constitui-A a Fonte inesgotável do amor entre os homens.

É certo que o conceito do

Próximo está sujeito a alguma relatividade. O tempo em que vivemos, com a possibilidade de comunicação imediata entre os antípodas, estreita a dimensão da Humanidade e amplia a compreensão do conceito. E é bem que a inteligência e o coração dos homens estejam abertos à dimensão do mundo! Porém, ao nível da acção, cada homem é obrigado a uma presença efectiva no raio que lhe é pos-

Cont. na 3.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Ainda há gente de bem, responsáveis pela vida dos povos, que não descem ao *rés-do-chão*. Por isso, desconhecem as dores dos Pobres.

Aliás, os Bispos portugueses afirmaram, recentemente, a preocupação da Igreja (*Mater et Magistra*), dos cristãos conscientes, pelo *fosso* que separa a sociedade portuguesa: o crescente mundo de bem e de mal instalados.

Os vicentinos são um último reduto dos Pobres. É bom que conheçam os servos — nem sempre com capacidade para resolver todos os problemas. Alguns Pobres, de tanto baterem a portas que por direito (familiar) têm obrigação d'acudir — e se fecham — ficam exaustos. Mais: envergonhados.

Evidentemente, neste aspecto há que pensar duas vezes. Não podemos, não devemos ser *pião das nicas*. Há que denunciar o mal, ainda que a nossa voz, porque discreta, não ultrapasse os montes.

Sinais dos tempos? Infelizmente mais expressivos em casos de *terceira idade*!

● É Viúva. Condição que mantém, dignamente, desde muito jovem. Para além da *reforma* da Segurança Social (daria para a boroa dos cachopos), os leitores, pela mão dos vicentinos, acodem na hora própria, regularmente.

A Viúva faz o que pode, no que pode — para criar os filhos. Quem a vê, não dirá o seu estado ou condição. Limpa. Trajando discretamente. Integrada no meio.

Hoje, suplica. Nem sempre acontece! Um dos filhos fará a Profissão de Fé, na Festa de Nossa Senhora, e precisa de algo mais para a criança não se afastar das outras. Atitude cristã!

Já partilhámos (não importa quanto nem como) para que a alma da criança se encha mais do Amor de Jesus e se apoie inteiramente nos braços de Maria — Mãe dos Pobres.

● Ela está a sumir-se, fisicamente. Um caso típico de matrimónio precoce? Antes assim do que irregular.

Os leitores contribuem com metade do aluguer da moradia (5.000\$), já que para esta classe de gente, aqui, só há o Património dos Pobres!

Quando entregámos a partilha de Julho, a moça desabafou:

— *Que seria de nós, se não tivéssemos esta ajuda...!?*

Se não fosse a Autoconstrução — sabe Deus com que sacrifícios! — e o Património dos Pobres, que seria da habitação dos mais necessitados?

Ninguém constrói para os mais carenciados. Ninguém se afoita a servir desta maneira. Se a questão fosse posta, claramente, a homens abonados, cientes do valor social da riqueza, não descobririam nesta acção uma forma de servir a Pátria de todos nós, na pessoa dos mais pobres?

O mercado da habitação está muitíssimo carenciado. Sobretudo neste aspecto, reconhecamos o *fosso* aberto na sociedade portuguesa, especialmente em regiões suburbanas, *dormitórios* de grandes e pequenas urbes.

PARTILHA — Dois contos, *«de uma pessoa amiga que pediu para enviar para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa»* — assim diz a assinante 14708; que afirma, expressamente, podemos servir os Outros de muitas e variadas formas.

«Uma Amiga», de Cête, vem sempre pelo seu pé — com dificuldade — trazer um pouco do seu pouco (500\$00) para os Pobres da sua terra.

A assinante 31104 manda o habitual cheque, repolhado, para duas intenções específicas e outra parte *«para distribuição ao vosso critério»*. E continua: *«Atrasei-me, este mês, por falta de saúde, mas mantinha no pensamento estas minhas obrigações. Peço que rezem por mim para alívio do meu sofrimento. Basta que na coluna da Conferência, nº O GAIATO, acusem recepção, discretamente»*. Ai está como esta serva dos Pobres cumpre, religiosamente, a sua obrigação.

Rua 20, Espinho. a *«habitual contribuição relativa ao segundo semestre de 1987»*. Perseverança! Mais, de Santa Cruz do Douro — com a amizade de sempre. E, também, de outra Amiga, de Aveiro — rua Nascimento Leitão.

Oferta oportuna do assinante 1410, do Porto. Amigo da primeira hora! Idem, de Cacia. 500\$00, do assinante 10150, também do Porto. O mesmo, da assinante 27958, de Coimbra. O dobro, de Vila Nova de Gaia, junto a outra remessa de Maio ou Junho.

Um vale de correio, de Albufeira (Algarve), para *«as necessidades mais prementes»* e *«distribuíam conforme o justo critério»*. Outro, da assinante 27063 para um caso referido nesta coluna. Cheque, de velha Amiga, do Luso, que aliviou os passos de Pai Américo noutro tempo — já ela servia os Pobres

também com devoção. Finalmente, mais um cheque da assinante 17581, parte do qual será aplicado *«nas necessidades que melhor entenderem»*. É assim a verdadeira Caridade — que não se confunde com a *caridadezinha*.

Em nome dos Pobres, o portuguêsíssimo muito obrigado.

Júlio Mendes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Nós, vicentinos, sentimo-nos angustiados pelo facto de haver tanta miséria no mundo. Perante esta triste verdade, empenhamo-nos fazendo tudo para minimizar, oferecendo novos horizontes de vida aos necessitados de calor humano, para além de outras necessidades materiais também indispensáveis para proporcionar-lhes uma melhor condição de vida.

Há algum tempo, uma «Criadita dos Pobres» pediu para visitarmos uma família que necessitava de ajuda.

Assim, fomos vê-los e ficámos tristes com as condições de vida em que se encontravam. A casa onde residem está num estado lastimável, com buracos no tecto que não caíu devido a uns arranjos que eles próprios fizeram. Quando chovia, a água penetrava na casa. Viam-se recipientes para apanhar alguma dessa água e evitar uma maior degradação da casa, que apenas possui um quarto onde dorme o casal, juntamente com os seus dois filhos: a Mangarida com dois anos e o Luis com os seus cinco anos e ainda um irmão da mãe dos meninos. Esse irmão, com apenas 23 anos, é que dispõe de 12.000\$00 para a alimentação do casal e dos filhos, assim como para a sua alimentação.

O marido da sr.^a Maria do Céu sofre de bronquite e dos pulmões, encontrando-se incapacitado para trabalhar. A sua vida atribulada é estar

diversas vezes no sanatório, mas não recebe algo que o livre definitivamente da doença. Também já meteram os papéis necessários para conseguir receber alguma coisa, mas continuam à espera da resposta.

Assim, perante todas estas dificuldades, a esposa luta para arranjar um emprego; mas, como devem imaginar, é bastante difícil para quem tem dois filhos de tenra idade.

Na realidade, só quem contacta como aquela família consegue aperceber-se de quanto custa sobreviver, neste mundo difícil.

O próprio Luis, apenas com cinco anos, declarou com tristeza patente nos seus olhinhos: «Sabem? Quando eu for grande quero ser como este senhor». Ao pronunciar esta frase, apontava para uma imagem de um pedreiro que se encontrava numa página do Catecismo; acrescentando, ainda: «E, depois, vou ganhar dinheiro para ajudar os meus pais».

Após estas comoventes palavras, dissemos que pensava bem.

Esperamos que Deus guie e proteja sempre aquela criança que sofre, juntamente com os seus pais.

Emília e Alexandre

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — «Relativa ao mês de Junho, vai a migalhinha para a vossa Conferência Vicentina acompanhada de muita amizade. Uma portuense». Da assinante 10770, 2.000\$ para «atender a uma das muitas necessidades dos protegidos pela vossa Conferência». De J. Oliveira, 500\$00. 3.000\$00 «para ajudar uma Viúva», da assinante 40340. Coimbra, 3.000\$ de A. M. Vila Nova de Gaia, para pagar «o leite e o pão de uma mãe com quatro filhos». A assinante 19177 deixou no Espelho da Moda o seu contributo e o de duas amigas. C. C. Palma, 20 dólares. Da assinante 20517, um postal muito bonito e 2.000\$00 para o seu Pobre. Aveiro presente com «a gota de água», como lhe chama.

De S. João da Madeira, um amigo

que sente as carências dos Irmãos mais necessitados envia um cheque pesado.

Bem hajam todos pela ajuda que nos dão.

José Alves

Paço de Sousa

FESTAS — Andamos como o ensaio das Festas que serão apresentadas em Outubro, o mês em que se celebra o Centenário do nascimento de Pai Américo. Mas temos um problema que nos aflige: falta um acordeão ao grupo musical. Se alguém estiver interessado em ajudar ou no-lo oferecer, desde já o nosso muito obrigado.

DESporto — O Grupo Desportivo da Casa do Gaiato vai entrar, uma vez mais, no já tradicional Torneio das Vindimas, organizado pelos Bombeiros Voluntários de Paço de Sousa, para atletas de todas as idades e para todas as modalidades. O objectivo é levar longe o prestígio do desporto e trazer mais prémios, a juntar ao nosso já rico palmarés. Apesar de, actualmente, o nosso desporto não estar a atravessar uma boa fase, confiamos nos nossos atletas para levarem de vencida os obstáculos.

VISITANTES — Recebemos uma excursão, do Porto, que já vem há muitos anos. Mas, agora, não teve a alegria dos últimos anos porque alguns jovens, da excursão, invadiram a piscina sem licença. O chefe da piscina mandou que retirassem, mas aí começou a questão. Diziam ter o mesmo direito de tomar banho, porque eram amigos da Obra.

Amigos, venham visitar-nos, mas não arranjam problemas aonde eles não existem.

AGRICULTURA — Os campos atravessam um bom momento. Há legumes e fruta com fartura, graças a Deus. Nas refeições temos saboreado o bom pepino e alface.

Brevemente, quando houver tomates, comeremos salada bem saborosa!

Serafim de Jesus Correia



Os dias 27 e 28 de Junho, para um grupo de antigos gaiatos, tão cedo não serão esquecidos. O convívio que tivemos — organizado pela Associação de Antigos Gaiatos do Norte — com centenas de nossos irmãos mais novos das Casas do Gaiato de Miranda do Corvo, Setúbal e Tojal, a maneira carinhosa e simpática como nos receberam, são pormenores que ficaram gravados nos nossos corações. Foi um passeio agradável, onde alguns recordámos, com lágrimas de emoção, a nossa entrada no ambiente familiar das nossas Casas. Que iniciativas deste género se continuem a organizar, pois fica algo de positivo, tanto para os novos como para os antigos gaiatos.

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DO NORTE

CONVÍVIO/87 — Em 26 de Julho foi um dia de festa para a nossa Comunidade de Paço de Sousa. Festa para os actuais e para os antigos gaiatos. O dia do nosso convívio anual.



Tribuna de Coimbra

Ao pegar na agenda vi que já não dava contas desde meados de Janeiro. E o nosso dar contas é, primariamente, um acto de louvor ao Senhor, pois só Ele é a fonte do Bem. O nosso dar contas é oração colectiva. Nela participam todos os membros desta grande Família.

A primeira oferente foi uma senhora, de Coimbra, com dez contos; um Amigo com 350\$; outra senhora com mil; Viúva,

Uns de carro, outros de comboio, a partir das 8 horas da manhã começaram a chegar os primeiros «velhotes».

O programa estava elaborado:

As 10 horas, celebração Eucarística. Celebrantes: o Padre Manuel António e Padre Carlos.

As 11,30, um espaço musical. Principal vedeta: o conjunto da nossa Aldeia.

As 12 horas, uma sessão solene (à gaiato). Usaram da palavra os antigos gaiatos Zé Eduardo e Fernando Cid, que nos falaram da sua convivência, dia a dia, com Pai Américo. O terceiro orador, o Nave, chefe-maioral da comunidade de Paço de Sousa, disse de como «via e sentia» a figura de Pai Américo sem o ter conhecido. O Abel Magalhães, conhecido entre a malta como o Frei Simeão, e que em certa altura da sua intervenção exigiu que também fosse considerado antigo gaiato, falou de Pai Américo e da Obra da Rua. O Padre Carlos encerrou a sessão lembrando, mais uma vez, a figura do nosso Pai Américo.

Cerca das 13,30 foi o almoço/convívio, oferecido pela nossa Casa-Mãe e cuja orientação esteve a cargo do António Anjos. Não faltaram os rojões, sardinha assada, caldo verde e o saboroso vinho branco da nossa quinta.

Durante a tarde houve o contributo musical do Faustino, a actuação de alguns dos nossos «fadistas»; e tivemos ocasião de «matar saudades», percorrendo locais da nossa Aldeia que marcaram mais a nossa passagem pela Casa do Gaiato.

Foi, na verdade, um dia cheio de amor e fraternidade. Um recordar de inúmeros episódios vividos quando éramos crianças e que, hoje, já homens de 40, 50 e 55 anos recordamos com certa emoção.

Sobretudo recordámos Pai Américo, pois quase todos os antigos gaiatos que vieram ao convívio tiveram a felicidade e o privilégio de o conhecer.

Finalmente, gostaria de fazer um apelo aos antigos gaiatos: que todos se unam à volta da nossa Associação para que, juntos, possamos fazer desta, uma força capaz de dar continuidade aos desejos de Pai Américo: ser a Obra da Rua uma só Família.

Carlos Gonçalves

da Figueira da Foz, com 2.500\$; cheque, de Castelo Branco, com dois mil; mil, pelo Irmão, e roupas do filho. Cala-nos sempre na vida aqueles que pedem a nossa oração pelos mortos e ainda mais pelos vivos. É tão frequente o pedido de mães para rezarmos pelos filhos que aparentemente perderam a fé! Nós temos muita confiança na oração das mães.

Vinte, de professora que aparece várias vezes; 1.300\$, de turma da Escola Jaime Cortesão; cem, que Amiga veio trazer; 10.700\$ e muitos mimos, de alunos mais novos do Colégio S. Teotónio; os vales frequentes do Amigo Manuel, de Lisboa; 200\$, de senhora com 81 anos, da ilha de S. Vicente; dois mil, em cheque, de Amiga; duzentos e cinquenta, do Governo Civil; vinte e três, de Amiga; cinco mil, de sacerdote, de Aveiro; dez mil, levados ao Lar; muitas outras ofertas lá entregues; quinhentos, de Arganil; vinte mil, de Abrantes, a pedir a cura da Irmã; 1.500\$, 15.500\$, de outro grupo de alunos do Colégio de S. Teotónio; cinco mil, da Sertã. 57.400\$, dos Militares da Zona Centro em companhia de mensagens escritas cheias de simpatia.

Cem francos, de Amigo na Suíça, entregues pelo nosso Bispo; cinco, de casal vizinho; o cheque mensal, de casal, de Pereira do Campo; e das Meãs e de Coimbra; dez mil, de mãe, de Leiria; e mil também de lá; dois mil, de Chãs; cinco, de Oliveira do Hospital; dez, de Avó, pelo neto; cinco, de Leiria; cinco, mais cinco que senhora vizinha veio trazer; mil, de Amigo de Marrazes; «8 gotas do Tio João e Tia Prazeres»; dez, de professora amiga que tem vindo todos os meses; dois mil, dum dos nossos; cinquenta, de Anónima, de Leiria; muitas mãos estendidas na minha aldeia; mil e alfinete, na Covilhã, a recordar Amigo que Deus levou.

Presenças de Amiga, de Cabeçado; várias mensagens de casal, de Cebolais de Cima; a amizade de casal, de Santa Cita; Amigo, de Quiaios; Médico, de Cascais; cheque, de Vila Seca; vales, de Amiga, de Mira; 7.300\$, de Funcionários dos C. T. T.; cinquenta, de senhora, da Póvoa de Varzim; a Conferência Vicentina, de Castelo Branco; cinco, a vendedor; três mil, de Amadora; cinco mil, de Amiga de 76 anos, com muita alegria de viver; mil, de Amiga, do Porto; cinco, de advogado, de Odivelas; mil, de Tojeira; cinco, de Pombal; tudo o que vão deixar à Casa do Castelo; duzentos, de senhora, em Santa Cruz.

Muitos recados de Tomar, pelo vendedor, pelo correio ou por mão própria. Tomar não quer ter a fama de hospitaleira, mas quer também ter o proveito. Não há ninguém que nos trate melhor. Médico, da Marinha das Ondas; cheques, de Leiria; empregado da Gráfica de Coimbra; cinco, de Figueiró

dos Vinhos; mais seis; mais uma série de envelopes levados ao Lar; dez, pelo marido, de Castanheira de Pera; 1.100\$00, do Juvenal; Amiga, de Cabaços, com muitos beijinhos; Amiga, de Foz do Arelho; cheque, da Guarda; Mãe, de S. Jorge; dez, dum dos nossos a viver no Porto; o mesmo e mais de outro, em Viana do Castelo; Amigos, de Cantanhede; Amigos, de Condeixa; senhora, da Mougueira.

A visita da Família Paroquial de Penela; e a de Vila Seca; e a de S. José; e a de Almalaguês; 105.850\$00 de renúncias dos jovens da diocese de Coimbra; dez, de senhora, com 70 anos, de Elvas; a senhora, de Vilar Formoso; cinco, de Celorico da Beira;

mil, de Freixianda; Amigos que vieram do Fundão; outros, do Luso; onze, de Espinhal; dez, de Pombal; cinco, de Amigo, da Lourinhã; vinte, que senhoras, de Buarcos não quiseram gastar no Carnaval. Foram valentes! 37.450\$00, roupas e géneros que o grupo «Pedras vivas», de Penacova, veio trazer. Levaram o testemunho de muitas maravilhas; vale, de Eira Pedrinha; vales, de Soure; cinquenta, de casal que celebrou as «bodas de ouro». Deus os conserve unidos no amor. 25.000\$00, da Paróquia de Alvaiázere.

O casal muito amigo, de Creado; cinco, de renúncias de jovens, do Carrigo; 3.500\$00 e catequista e seu grupo de Cernache; oito, de Gondelim; 5.600\$00, de renúncia de Amiga, de Galizes; cinco, de Febres; paróquias de Ventosa do Bairro, Vil de Matos, Bera, Pampilhosa com suas ofertas; grupo de Espite; 6.060\$00, de

alunos da Tellescola de Febres; um mundo de mimos, na Praia de Mira; Amigas, de Cascais; Alcorochel; alunos da Escola, de Gouveia; Vila Nova do Ceira; a visita da Catequese, de Soure e alunos da Escola da Lousã; 42.793\$50 de grupo português de Heinsberg. Jovens da paróquia de Buarcos; Professora, de Agueda; um grupo de Vinha da Rainha; visitantes, de Valongo; velho Amigo, da Nazaré.

A paróquia e um casal, de Castelo Viegas; lembrança dum grupo de Engenheiros, em Coimbra; muitas mãos estendidas; da Lousã, de Mealhada, da Curia, de Anadia e de Castelo Branco. O forte é Coimbra! Nem podia deixar de ser. A Casa do Castelo, o nosso Lar, os distribuidores d'O GAIATO e o correio são os canais. Bendito seja Deus que nos faz participantes da Sua Bondade!

Padre Horácio

Cada freguesia cuide dos seus Pobres

Cont. da 1.ª pág.

sível, até onde ele chega por si mesmo. Não vá dissipar em utopias forças que podem ser eficazes em resposta a um real mais próximo, proporcionado à modesta possibilidade de cada um! Nem vá julgar-se desobrigado, pelo seu empenhamento teórico, em males longínquos e de amplitude maior, da prática de colmatar carências que os seus sentidos detetam e as suas mãos podem tocar.

É nesta filosofia de equilíbrio que assenta a palavra de ordem de Pai Américo que nos serve de epígrafe. Por um lado, a prudência de não deixar que os problemas se avolumem e transbordem de fronteiras onde será mais fácil estancá-los. É a sabedoria da Parábola dos Vimes: um a um, fáceis de quebrar; em feixe, muito difícil.

Por outro lado, uma consciência iluminada pela Humildade que nos faz reconhecer as nossas limitações e também as nossas potencialidades; e nos atrai a Fortaleza para assumi-las e pô-las em acto. Ou não fosse a Humildade, a Verdade, como a definiu Terezinha de Lisieux!

Dá-nos, pois, muita alegria que este pensamento se difundida e vá dando forma sólida à acção sócio-caritativa (a começar pela mentalização do povo!) em várias regiões de Portugal.

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para qualquer uma das nossas Casas do Gaiato — Setúbal, Tojal, Miranda do Corvo, Beire ou Paço de Sousa — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

Há tempos, tivemos ocasião de referir como foi ele o tema de doutrinação (ainda muito longe de esgotar!) proposto a toda a diocese pelo Secretariado de Acção Sócio-Caritativa do Porto.

Hoje podemos dar semelhante notícia relativamente à diocese de Aveiro. A boa nova chega-nos pelo jornal diocesano, **O Correio do Vouga**, e é do punho do seu Bispo Coadjuutor que, significativamente, lhe dá o título: «O coração do problema».

Diz assim:

«(...) Nos meios grandes os marginais são multidão, pouco esfrangalhado do tecido social (por quem e porquê?).

(...) Não assim em meios mais pequenos, como são as nossas cidades, vilas e aldeias. Af as pessoas ainda têm rosto e nome, família e rua, história e historieta e, normalmente, não têm categoria para que deles se ocupem os grandes meios que «informam» o público. Então, no meio do já difícil, tudo pode tornar-se um pouco mais fácil, se formos ao coração de cada problema e tentarmos crescer em sensibilidade afectiva para com as pessoas em situações difíceis; se abirmos centros de escuta e de acolhimento com muito tempo disponível, poucos papéis, muito amor e respeito, nada ou quase nada de burocracia, pouca curiosidade e poucos conselhos. União de esforços sem penachos nem concorrências ridículas de instituições estatais e particulares, integração de voluntários, todos irmanados e motivados pela gratuidade do bem-fazer com a consciência humilde de quem cumpre um dever e até já se dispõe a pagar os juros das omissões da solidariedade insequente e das demoras consequentes.»

E destas considerações conclui D. António Mancelino: «Pusemos no horizonte pos-

sível e perfeitamente realizável dos nossos projectos para o próximo ano pastoral que «cada comunidade cuide eficazmente dos seus Pobres», mediante o esforço e o fermento de um grupo organizado, em clima de verdadeira solidariedade e participação activa.

Este projecto só será utopia para aqueles que queiram fugir ao incómodo de abrir os olhos à realidade e o coração aos irmãos. Com os olhos e o coração fechados deixa de ser incómodo abrir a carteira, repartir o tempo e até fazer negócio com a desgraça dos outros. Com eles abertos, os caminhos são outros.»

Aqui está o dedo posto na ferida, a explicar muita ineficácia dos cristãos na construção do Reino de Deus que é, primariamente, um Reino de Justiça a realizar pelo amor: «a prática da avestruz».

Fechar os olhos e o coração às realidades para fugir à comunhão no doloroso delas, mesmo com a carteira aberta, não leva a nenhures. Está exactamente nesta comunhão o fundamento da validade de tudo quanto se faça. Ela é o vaso que nos torna comunicantes com a Fonte da Vida, Jesus Cristo, que principiou por comungar a nossa natureza com todas as contradições que a afectam, menos o pecado.

Uma estratégia social cristã tem de passar por aqui. «A Igreja não faz Assistência, faz Caridade», lembrou-nos várias vezes D. António Ferreira Gomes. E os cristãos são Igreja!

Por isso se diz acima que toda a acção a desencadear começa pela mentalização do povo, para que ele adira em **cristão**, com sangue derramado ou a derramar, e não apenas como contribuinte em moeda do Banco! Não, que a construção do Reino, da Sua Justiça, é processo de Salvação!

Padre Carlos

DOCTRINA



Dados preciosos,
de mãos preciosas.

■ Não é por curiosidade, mas, às vezes, tem a gente ganas de conhecer mãos que respondem, com tanta elegância, aos apelos aqui gemidos, em prol dos que sofrem. Eu queria que essas mãos viessem comigo desembrulhar, na própria morada do Pobre, aqueles mesmos embrulhos que com tanto saber fazem nas suas; e chorar... de alegria, ao pé deles! Que a pobreza da Sopa não é a miséria pedinte das ruas; é uma pobreza branca, asseada, contente; e quando sai à rua, vai de tal maneira composta, que ninguém dá fé de quem passa.

■ (...) Sim; quisera eu que tu viesses comigo para receberes, à beira da cama deles, em troca da pequena oferta que dás, outra infinitamente maior: lições de coragem, de heroísmo, de santidade.

■ Quem leva horas inteiras a estimar Pobres na penumbra da mansarda, em vez de se deslumbrar como faz a mais gente, chora de tristeza quando passa em bairros de estilo ou avenidas de opulência. «Padre, que nos deram ordem de despejo e a gente não tem para onde ir!» — o desabafo dos nossos Irmãos pobres!

■ Homens ricos, de Coimbra, fazei casas para os Pobres: pequeninas, individuais, arejadas, renda baixa. Casas grandes para rendimento?... E que fazes tu à gente pobre? Cuidas tu, porventura, que é riqueza verdadeira essa que possues, se, por causa dela, há ninguém na vizinhança?

■ Casas pobres para Pobres. Os operários que levantarem as pedras levantarão com elas o teu nome. Trabalham, cantam, sonham..., quem sabe? Talvez aquela casinha venha a ser morada de um deles, por ser destinada a gente da sua grei. Não resolves certamente a questão social; mas resolves a tua, gastando bem os teus dinheiros. Não tiras todos os Pobres do tugúrio, mas colocas alguns em casas limpas. Não terás discursos nem retratos nem nomes, mas escreves o teu nome na morada eterna.

D. Américo

(Um 1.º vol. do Pão dos Pobres)

A correspondência motivada pelo livro DE COMO EU FUI... — CRÓNICAS DE VIAGEM, é um diálogo riquíssimo!

As almas não se repetem. Cada uma é o que é. Todas afirmam de modo diverso, a alegria de ter em mãos mais uma presença viva de Pai Américo — no Centenário do seu nascimento.

Assinante 28479:

«Continuem a desenterrar estes tesouros que continuam vivos como no tempo em que foram escritos — e que, ainda por cima, são literariamente do mais alto valor. Quem, em nossos dias, maneja o Português com esta força, esta elegância e esta clareza?»

Assinante 41219:

«Mais uma obra maravilhosa, que só enriquece quem a lê!

A presença de Pai Américo é, como sempre, tão viva, que nos parece estar a acompanhá-lo para onde quer que vá, a visualizar as cenas e, ao mesmo tempo, parece que ele já fala para nós naquele momento. No entanto, só agora o vemos, mostrando o que deve ser visto, chamando a atenção para o que precisa de ser um alerta para cada um.

Nunca párem de recolher o que quer que seja de alimento espiritual, pois, nos dias de hoje, é desse que há as maiores carências.»

Assinante 19355:

O LIVRO

«DE COMO EU FUI...»

— presença viva de Pai Américo

«Ao ter recebido, hoje, o adorável livro DE COMO EU FUI... não posso deixar de requerer o envio de mais outros dois, a fim de dar um pouco (ou muito?) da imensidão de quanto esta infeliz Humanidade necessita.

Bem hajam pela iniciativa de dar ao mundo, não novos mundos, mas sim autênticas bênçãos de Quem tanto se deu e nada (materialmente) recebeu.»

Assinante 21095:

«Coragem e força do Divino Espírito Santo, é aquilo que desejo que não falte!

Confiança no Pai, que é Grande, nunca a percais!

Olhar sempre com olhos de Amor a Obra de Pai Américo — todas as suas Obras — é aquilo que eu queria fazer na vida, mas muitas vezes esqueço!»

Muito mais fica por revelar!!
Adiantamos, no entanto, que o sector de expedição perma-

nece activíssimo. Dias há que além do «Conchinha» e do Paulo Jorge, o Sonnemberg também precisa de deitar a mãos nas remessas para o correio. Um quadro tão belo, aquele forte abraço que segura os livros expedidos, diariamente, para todo o universo!

Alguns novos leitores d'O GALATO — e outros já de há muitos anos — continuam a

utilizar o postal RSF (resposta sem franquia) para requisitar a novidade e outros títulos de Pai Américo — com a marca do nosso prelo. Um ou outro, acontece, chegam a bisar e trinar a dose, para corresponderem ao interesse de gente contagiada pelo Fogo que crepita em suas almas — e trespassa no seu mundo!

Júlio Mendes

Do que nós necessitamos

Do Porto, «50.000\$00 para o que julgarem mais apropriado». É um modo de colaborar. Outros vivem a mesma mensagem evangélica nos seus lares, nos seus trabalhos, nas suas comunidades. O que im-

porta é viver amando; e não há amor sem partilha. E não há amor sem justiça. De Valbom, 5.000\$00 e suas contas estão em dia. A Conferência de S. Vicente de Paulo, de Espinho, deixa ficar 16.730\$00. Que não falem àqueles que vivem ao pé da porta! Mais um cheque de 10.000\$00, da R. da Constituição. A Maria Isaura vem todos os meses com a sua mensalidade. É conta que entra no orçamento familiar — 3.000\$00.

Vamos abrindo o saco onde guardamos parte desta riqueza. As cartas são muitas. Não podemos dar conta de todas. Fazem livros, 10.000\$00, da Sílvia, 21.000\$00, do Candal. Um pormenor: «Esta lata de tinta é oferecida por uma empregada de Fábrica de tintas, para pintar os quartos dos «Batatinhas». Paremos um pouco: «Sou uma velhinha de 86 anos e tenho de trabalhar para viver. Apesar de passar meses sem ganhar nada, dou-vos uma nota de 5.000\$00 para ajuda do bem que fazem aos rapazes da rua». Ficamos admirados e não sabemos dizer mais nada. Engenheiro, assinante d'O GALATO, manda 10.000\$00.

Uma palavra muito frequente a acompanhar os donativos é «mingalhinha». Revela inquietação. É sempre pouco o que damos por amor. Que bom pensar assim! Fica o coração aberto para dar mais. Quem ama a sério sente-se na posição de devedor. E à medida que ama, mais quer amar. Pode levar-nos à doação total.

lho. Se algum falta, todos dão conta.

Este é um dos segredos que gera o amor que os prende à Casa que chamam sua mas... Estou em crer que muitos pais choram e muitos filhos trocam a alegria da casa onde nasceram e são criados, pelos cafés ou outros lugares porque nunca tiveram a oportunidade de se prender à sua casa pelo trabalho ou ocupação válida. Não é verdade que damos mais valor ao que construímos com o suor? A família é uma obra de todos os que dela fazem parte.

É tarefa apaixonante e difícil, não é verdade? Mas não há outro caminho para salvar a célula que dá pelo nome de Família. Os pais têm papel decisivo. Pedir a sabedoria de que nos fala a Palavra do Senhor é o princípio. Encontrar o equilíbrio na arte de educar é meta sempre a atingir. Mas, se não houver a preocupação séria, como o conseguir?

Que os filhos gerados num coração sábio, como o de Pai Américo, saibam transmitir aos seus a herança tão rica que receberam. Foi um dia lindo e diferente, o 26 de Julho de 1987!

Padre Manuel António

Padre Manuel António

Gaiato

Director: Padre Telmo
Redacção e Administr.: Casa do Gaiato - PAÇO DE SOUSA - 4560 Penafiel - Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato - Paço de Sousa - 4560 Penafiel

Cantinho da Família

Começo este «Cantinho» com as palavras do rei Salomão, ouvidas na 1.ª leitura do domingo passado (17.º): «Dai, portanto, ao vosso servo um coração que entenda, para distinguir o bem do mal».

Vêm mesmo a propósito. Quem dera que esta súplica fosse a oração diária de pais e filhos! Quem dera que todos os dias fosse sentida, em família, como o momento mais necessário e importante! Trata-se de possuir a sabedoria que faz a pessoa equilibrada. Ele há tantos pais desequilibrados! Tantos filhos desequilibrados! Um coração sábio é um tesouro. Onde está? Há que pedi-lo até o encontrar. A fonte está na piedade para com Deus e na experiência de filho. Neste ponto todos somos filhos.

Que quer a família senão gerar filhos que venham a ser pessoas de bem? Que riqueza maior há num país que um povo equilibrado? Já demos conta de que as maiores tristezas são fruto de grandes desequilíbrios? Vamos começar pela célula que é a família. Que bem para um país quando o homem e a mulher, o filho e a filha, descobriram que uma só coisa é necessária: «inteligência para saber o que é justo».

Mais de duas centenas de filhos e filhas e netos e netas da Obra da Rua, antigos gaiatos, como se dizem, encontraram-se nesta Casa do Gaiato de Paço de Sousa, em 26 de Julho passado. Homens de cabelos brancos acompanhados de suas esposas e filhos. Outros, mais jovens. Eles e elas passaram connosco todo o dia,

um convívio alegre e familiar. Que dia tão grande! Vale a pena viver assim para ter o dom que nos foi dado gozar. Vieram à fonte para se renovarem.

A oração do rei-servo foi escutada e rezada por todos: «Dai, portanto, ao Vosso servo um coração que entenda, para distinguir o bem do mal». Pai Américo esteve presente. Encontrámo-lo nesta Palavra. O homem sábio que soube pôr os seus filhos, ali presentes, no caminho certo, por força da sabedoria que bebeu na piedade para com Deus e na sua experiência de filho. É a verdadeira sabedoria do educador. Pai equilibrado que quer todo o bem para os seus rapazes, mas não os dispensa de caminhar consigo. É o dever de participar para poder gozar. Todos têm o seu lugar que não pode nem deve ser ocupado por outrem.

Os pais querem ver os filhos felizes. Esquecem-se, às vezes, de os chamar e obrigar a caminhar na busca e conquista desse bem. É um trabalho que começa muito cedo. Achamos tanta graça ao principiar de cada dia em nossa Casa! Depois de uma noite bem dormida e da tigela com leite e pão com manteiga, ao pequeno-almoço, chega a hora do trabalho: Cada um encaminha-se para o seu lugar. Os do «grupo da lenha» — os mais novos — também se juntam no largo da cozinha e vão sendo distribuídos, acompanhados por um deles. As vassouras de giestas e as padiolas de madeira são os instrumentos, os mais comuns, do seu traba-